

Discurso da Catarina - Comemorações do dia 25 de abril em Amares

Bom dia a todos!

Começo por agradecer o convite para hoje – dia 25 de abril- estar aqui presente e ter a honra de poder discursar para todos vós, mostrando-vos a minha «leitura» desta celebração. Confesso que abracei este desafio com algum receio, mas sempre com a confiança de que seria capaz de cumprir as expectativas. Escolhi como tema do meu discurso a liberdade, o grande direito conquistado, e como mote inspirador o título de um poema de Manuel de Alegre que transformei, para poder afirmar em primeira pessoa e com a devida carga simbólica: *sou rapariga do país de abril*.

Encontramo-nos, hoje, aqui, para comemorarmos, então, a liberdade conquistada no dia 25 de abril de 1974, um dia que ficará para sempre na história e memória do povo português como um dia triunfal.

Há 43 anos atrás, ouviram-se na rádio as vozes de Paulo de Carvalho e José Afonso, por esta ordem, a interpretaram respetivamente as canções: “E depois do Adeus”, “Grândola, Vila Morena”. Este foi o sinal lançado ao Movimento das Forças Armadas para que estas avançassem e pusessem um ponto final na ditadura iniciada por António de Oliveira Salazar, devolvendo a liberdade ao nosso país. Enquanto os restantes países da Europa progrediam em democracia, o regime do Estado Novo mantinha Portugal fechado a novas ideias. Portugal ficou, assim, mergulhado num regime de censura durante 48 anos, o período de ditadura mais longo da Europa Ocidental.

Mas nesse dia a senha foi bem interpretada e o sonho tornou-se revolução, sem mancha de sangue e com cravos na mão. Por isso, hoje, vivemos em liberdade. Posso dizer que nasci e cresci a conhecer a cor da liberdade.

Mas o que é verdadeiramente a “liberdade”? Será que conseguimos dar uma definição objetiva e concreta deste direito humano?

De acordo com a filosofia, “liberdade” corresponde à independência do ser humano, ao seu poder de autonomia e de espontaneidade, o que significa fazer escolhas segundo a vontade de cada um, poder agir segundo o livre arbítrio, expressando opiniões e crenças sem sermos censurados.

Segundo o Artigo n.º3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos os indivíduos têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Assim sendo, pergunto-me como é que alguém é capaz de privar um povo deste direito tão importante!

Somos humanos, temos milhares de pensamentos todos os dias sobre os mais variados assuntos, construímos opiniões e fundamentamos ideias, tornando-se necessário que em algum momento possamos expressar o nosso ponto de vista, argumentar e discutir ideais.

Só é possível que um país cresça e que a sociedade evolua se pudermos apresentar as nossas opiniões, pois só assim conseguimos debater e tomar as decisões mais certas. Quando algo nos parece errado ou não concordamos com o caminho que os nossos representantes querem tomar, não só devemos como precisamos de ter o direito de nos manifestarmos.

Assim, a liberdade é algo imprescindível, do qual o ser humano é incapaz de abdicar por vontade própria. Temos liberdade para expressar as nossas crenças, liberdade para agirmos de acordo com as nossas vontades, liberdade para fazermos escolhas, liberdade para sonharmos e seguirmos o caminho que acreditamos ser o melhor para atingirmos os nossos objetivos individuais e enquanto cidadãos.

Ser livre não é uma escolha, mas um direito!

Por isso, não podemos deixar que alguém tenha a ousadia de atentar contra a nossa liberdade. Sem ela, ficamos reduzidos a *“cadáveres adiados que procriam”*, como disse Pessoa, a meros corpos ambulantes conduzidos por mentes aprisionadas que não conseguem sonhar para além das barreiras impostas, ou de lutar por aquilo que nos define enquanto seres humanos. Natália Correia metaforizou bem a manipulação e coação castradoras impostas pelo antigo regime nos versos cantados por José Mário Branco: *«Dão-nos um cravo preso à cabeça/e uma cabeça presa à cintura/para que o corpo não pareça/a forma da alma que o procura//Dão-nos um esquife feito de ferro/com embutidos de diamante/para organizar já o enterro/do nosso corpo mais adiante»*.

Foi contra esta limitação aprisionadora que muitos (os mais conscientes e destemidos) se insurgiram, foi em nome da liberdade e para alcançar este direito maior que muitos (heróis) portugueses resistiram e persistiram, sonhando abril em muitas noites escuras. E *«felizmente [houve] luar»*. Na madrugada do dia 25 de abril de 1974, invadidos por um espírito de revolta e indignação, os Portugueses, este povo predestinado a tão grandiosos

feitos (como nos mostram Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa nos seus poemas épicos), comandados pela vontade inconformada de alguns capitães, levantaram-se e quiseram dizer não, marchando unidos em busca da liberdade e fazendo a revolução, pondo fim a um regime que parecia inabalável. E, como diz num longo poema Ary dos Santos, do qual cito alguns versos:

*Foi esta força sem tiros
de antes quebrar que torcer
esta ausência de suspiros
esta fúria de viver
este mar de vozes livres
sempre a crescer a crescer
que das espingardas fez livros
para aprendermos a ler
que dos canhões fez enxadas
para lavrarmos a terra
e das balas disparadas
apenas o fim da guerra*

*Foi esta força viril
de antes quebrar que torcer
que em vinte e cinco de Abril
fez Portugal renascer*

A alegria da “conquista” transbordou nas ruas que se encheram de esperança. E «*o grito que foi ouvido,/ tantas vezes repetido,/ dizia que o povo unido/ jamais seria vencido*». Carregaram-se as armas de cravos vermelhos e brancos para celebrar a madrugada que há muito se esperava, «*o dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio/ e livres habitamos a substância do tempo*», como o define Sophia de Mello Breyner num curto e belo poema evocativo deste notável acontecimento.

Hoje, somos este país democrático, aberto a novas ideias e predisposto a discutir diversas opiniões e soluções, graças aos homens – heróis que, durante esses longos anos de trevas e silêncio, não se vergaram à opressão, não se deixaram calar e arriscaram as suas vidas - foram perseguidos, presos, deportados...-, mas resistiram sempre, com palavras que escreveram, canções que ousaram entoar, ações que prepararam o caminho para o grande dia que hoje e sempre deveremos evocar. Agradeço-lhes a coragem, a ousadia e a força de lutarem pela pátria livre que herdei e onde sou “*rapariga do país de abril*” (título de um

poema de Manuel Alegre), com direitos reconhecidos, oportunidade de estudar e de criar sem constrangimentos, com acesso à cultura e a horizontes abertos a constantes novidades. Não obstante as vicissitudes e as limitações, sobretudo de ordem económica, que condicionam em parte algumas liberdades e alguns ideais da democracia, conquistados com a revolução de abril, vivo hoje num tempo indiscutivelmente melhor do que o da ditadura, que me foi dado a conhecer no estudo da História, nos documentários televisivos a que já assisti, na leitura de obras literárias, em filmes e através dos depoimentos vivos que escutei, entre outros registos que são memória de um tempo que não se poderá repetir, mesmo que com outras roupagens.

Como bem diz o poeta Ary dos Santos: *«agora ninguém mais cerra/as portas que Abril abriu»!*

A minha esperança, um tanto ingénua (característica da minha juventude), faz-me acreditar nestas palavras, faz-me crer que caminhamos para a construção de um país inovador e incapaz de voltar a cometer erros que no passado foram tão condenáveis e desprezíveis. Por isso, torna-se necessário recordar estas datas que marcaram a História de Portugal, tomando como exemplo de força de vontade e a coragem de todos os que lutaram por aquilo que hoje somos.

Assim, peguemos nos cravos vermelhos, coloque-mo-los ao peito e sintamos o mesmo orgulho de conquista que sentiu o nosso povo neste mesmo dia em 1974! E façamos desta data um emblema, para que a revolução de abril nunca perca a sua essência.

25 de abril Sempre!

Viva a Liberdade!

Viva Portugal!

Muito obrigada a todos!

Amares, 25 de abril de 2017

Catarina Cunha

(Aluna do Agrupamento de Escolas de Amares - 12º. B)